

MISCELANEA

Outeiros de abadessado

Talvez alguns leitores ignorem o que tenham sido os outeiros de abadessado — torneios poéticos, que se realizavam durante três noites nos conventos de freiras, por ocasião de ser eleita a prelada.

Nos velhos tempos, e ainda depois de 1834, alguns desses certames foram na realidade brilhantes. Uma espécie de jogos florais dum raro pitoresco.

No século XVIII colaboraram nessas festas muitos poetas célebres. Bocage, Filinto Elisio, Tolentino e o próprio José Agostinho de Macedo terçaram aí galhardamente as armas.

Em Chelas entrou lindamente nesses concursos D. Leonor de Almeida, depois marquesa de Alorna — a nossa illustre *Alcipe*.

Os outeiros faziam-se á noite, nos pátios dos conventos. Eram abertos pomposamente — conta-nos a primor Alberto Pimentel — em saudação á prelada, por um dos mais qualificados entre os assistentes, e, para tal fim, preferia-se a ode ou o soneto.

O terreiro regorgitava de gente. Havia lutas porfiadas entre os vários citaredos, rodeados dos seus admiradores. As janelas, as tórres, as cornijas iluminavam-se. Das reixas, as monjas mais letradas proferiam os motes, que se diria esvoaçarem na noite estrelada como borboletas de papel de sêda. Eram versos conceituosos ou alambicados, de sabor arcádico, dignos em geral da *Fénix Renascida* ou das páginas do *Ramalhete*. Em baixo o improvisador batia palmas e declamava a glosa. Outros, de inspiração mais morosa, escreviam os versos á luz de rôlos de cêra... É claro que havia bardos enamorados, que sacrificavam a Apolo atraídos por alguma freira ou noviça, e os versos eram como falenas tontas que se iam queimar na luz de certos olhos... Pobres Tântalos, semeadores de quimeras, que afogavam os queixumes e as mágoas em vinho generoso, no doce de ovos e amêndoa ou nos rebuçados que a inspiradora lhes descia da grade — como

se viessem do céu. O maior número era, contudo, de glutões e gozadores.

Alguns aproveitavam os outeiros para desferirem flexas, que feriam e ás vezes faziam sangue; as décimas enquadravam no mote alusões epigramáticas.

Camilo descreve nos deliciosamente um desses outeiros em Vairão, em 1825. O mosteiro todo embandeirado. Desde a madrugada o repique festival dos sinos. O convento enchia-se de flores, de mirto, de plantas aromáticas. Monjas, noviças, criadas, tôdas andavam numa azáfama, chilreando como aves presas e alegres. Postergavam-se as praxes hierárquicas.

A prelada consentia que lhe desfolhassem rosas sôbre a touca. Ás vezes representavam-se entremezes. Certas noviças mascaravam-se: «esta remedava um alferes de milicias, aquela um desembargador». Era natural que depois os desembargadores, em grande parte amorosos das Musas, se vingassem á noite no outeiro com alguma décima que zumbisse como as vespas.

A essa festa de Vairão concorreram, diz Camilo, «três poetas de Guimarães; do Pôrto um, que valia por muitos, o celebrado Ferro; de Braga dois cónegos em Apolo e alguns abades circunvizinhos; de Vila Real o famigerado Mormo, e o não menos conhecido Mesquita, cujo nome se laureára entre os contemporâneos da Universidade. Quási todos convidados.

O chá fôra servido na espaçosa grade da abadessa, primeiro aos vates e seus amigos, depois aos notáveis das cercanias».

Ora o abade Mormo detestava o bacharel Mesquita, filho dum magarefe. E á noite, na décima em que no outeiro glosava o mote *A melhor de entre as preladas* — crivou-o de ironias insultuosas. O Mesquita esmurrou o satírico abade, mas ficou com o nariz em mísero estado; os partidários dum e de outro socaram-se heroicamente; e a festa terminou numa balbúrdia tremenda, até que a prelada mandasse apagar as luzes e tocar a silêncio!

*

Depois de 1834 ainda houve no Pôrto alguns outeiros de nomeada. Ao pátio do mosteiro de S. Bento (onde hoje está a estação dos caminhos de ferro), ao de Santa Clara, ao das dominicanas de *Corpus Cristi*, em Gaia, concorreram muitos dos nossos poetas de maior facilidade repentista — e os que já haviam combinado com alguma doce freira o mote e a

improvisação... Camilo frequentou-os muito e glosou vários motes. Duma vez, em Santa Clara — conta-nos no *Cancioneiro Alegre* — « puséramos as nossas melhores décimas (êle e António Girão) á disposição inteligente das criadas do mosteiro, ás quais os nossos émulos em Apolo, com aristocrático desdém, chamavam *tachos*. Estas criadas entendiam-se connosco em assuntos métricos, num bêco para onde talvez davam as grades da cozinha. Emquanto as velhas filhas de Santa Clara gosmavam motes heróicos para sonetos a Xavier Pacheco, a Nogueira Gandra e a Ferreira Rangel, Girão e eu, no quinchoso escuro e pedregoso, recebíamos colcheias cantadas em vozes frescas, e com os motes uns vinhos velhos e os conhecidos pastéis de Santa Clara ».

Além daqueles poetas, muitos outros levavam as suas redondilhas e decassilabos aos outeiros de abadessado. Augusto Luso e Faustino Xavier de Novais eram certos. Dêste há várias glosas célebres e engraçadas. Guilherme Braga, muito moço ainda, era um dos mais aplaudidos. O admirável poeta improvisava com rara facilidade e elegância: nunca precisava de escrever os versos.

A partir de certa época, porém, terminaram os outeiros ao ar livre, para o grande público — e reduziram-se a festas dentro do mosteiro, com entradas por convites, e um sério cuidado com as pessoas que iam chegando. Vão saber a razão.

Já por 1850, num abadessado em Gaia, poetastros de mau gôsto obrigaram as religiosas a retirarem-se das janelas, e a numerosa concorrência a debandar vexada. Camilo censurou-os num artigo dêsse tempo, incluído depois nas *Horas de Paz*. Mas, segundo creio, a causa definitiva de acabarem os outeiros públicos no Pôrto deve-se a uns versos do poeta Diogo Souto, que fôra em rapaz desmarcadamente estúrdio.

Num outeiro (talvez em S. Bento) « Souto Cartola » — como lhe chamavam em virtude duns « Carmes bexigueiros do cidadão Cartola », de sua autoria — apresentou-se com outros estoira-vêrgas. Havia muita gente. A noite era de luar.

Parece que já se receava desacato, porque os versejadores estavam pècos e retraídos. Então uma voz clara lançou das grades êste mote: *Não há versos, nem há nada*. E Diogo Souto rompeu logo com uma décima de tal maneira escandalosa, dirigida ás freiras, que me não é possível — imaginem! — transcrever-lhes aqui um único verso... As glosas fesceni-

nas de Bocage (que aliás nunca proferiu nos outeiros) eram licor de rosa ao pé daquilo! Esses torneios públicos foram depois proibidos.

Em 1863, Diogo Souto recitou no Teatro Baquet uns versos dirigidos ao rei D. Luís, que assistia ao espectáculo, e que arrancaram um desfôrço, em duas quadras, ao vate Pinheiro Caldas. Dessa vez não havia razão para desfôrço: Diogo Souto apenas aconselhava ao soberano que seguisse as pisadas de D. Pedro v. Mas o nome do glosador do outeiro era um nome pânico. Em 1880, Souto recitou no Palácio de Cristal, em pleno esplendor das festas camonianas, uma poesia que levantou escarceu. Também não havia motivo para isso — e talvez fôssem justos êsses versos. Dizia aos entusiasmados que, se o grande poeta voltasse a existir, o deixavam outra vez morrer de fome.

Camilo escreveu-lhe de Seide, aplaudindo-o: «Em um obscuro escrito que imprimi a respeito de Camões, tive desejos de dizer em prosa o que v. ex.^a apregooou em valentes versos».

Dois anos depois Diogo Souto deu á estampa um volume de líricas — *Amores* — em que tem lindas páginas.

Conheci-o já velho, janota, afável, um *gentleman* de maneiras distintas.

Quantum mutatus ab illo!

*

Depois da extinção dos outeiros ao ar livre, realizaram-se ainda em S. Bento algumas festas magníficas. Alberto Pimentel conta-nos que foi a uma delas em 1868: «A grade já estava muito concorrida. A meio da casa abria-se a mesa das iguarias e dos vinhos finos. Eram áureos promontórios de gemas de ovo, desgrenhadas em farripas, recortadas em estrêlas, aboladas em castanhas ou recurvadas em meias luas, surgindo de entre fantasiosas rendas de papel multicolor e boninas artificiais. Eram taças e garrafas de translúcido cristal, onde o Pôrto, o Madeira e o Champagne se irisavam á luz dos candelabros como se fôssem pedras preciosas liquefeitas. Eram montanhas de rebuçados e *bonbons* desmoronando-se sôbre as bandejas de prata, a cada momento, sempre que os poetas queriam aromatizar a bôca para dulcificar os madrigais. Eram bules de prata e chávenas da Índia para chá e café, torradas loiras com polvilhos de canela, bôlos sêcos, palitos rendilha-

dos, guardanapos de Bretanha, lavavos de vidro e porcelana, jarros e ânforas com água».

Tocou piano o maestro do «Eurico»; Marques Pinto fez-se ouvir no violino. Lá estava Guilherme Braga, gentilíssimo e em plena juventude. Ao retirar-se, uma voz doce gorgoeou-lhe numa súplica: «Espere um bocadinho!» E o poeta, imediatamente:

Nesse «*espere um bocadinho*»
— Se ilusão minha não fôsse —
Parece que vem mais vinho,
Parece que vem mais doce...

Em 1871 ainda houve outra festa de abadessado em S. Bento. Junqueiro e Alberto Braga, de passagem no Pôrto, queriam assistir — mas as entradas eram cada vez mais difíceis.

Valeu-lhes Camilo, que os levou lá. A porta abria-se-lhes logo, desde que fôsem apresentados pelo grande romancista. Mas êle não entrou — explicando a ausência pela sua incompatibilidade com freiras velhas...

Dessa vez foram deliciosas, como sempre, as glosas de Guilherme Braga. Junqueiro também saiu vitoriosamente do torneio festivo. Para êste, o mote derradeiro foi assim:

*A borboleta travêssa
Voeja por sôbre as flores*

a que Junqueiro retorquiou, despedindo-se:

*Que grande dor de cabeça!
Adeus, Senhora abadessa,
Boa noite, meus senhores.*

Dos dois grandes poetas, o autor do *Bispo*, de *Heras e Violetas* e de *Cadáveres* morreu poucos anos depois... E ainda hoje pesa á Poesia de Portugal que êsse malogrado homem de génio não pudesse continuar a sua obra, onde há fulgores que não se extinguem nunca.

JÚLIO BRANDÃO.